



REVISTA RTEP TURISMO ESTUDOS & PRÁTICAS

ISSN: 2316-1493

Artigo/Article

TURISMO INDÍGENA NA ALDEIA BABAÇU: A EXPERIÊNCIA TERENA NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL SOB O OLHAR DO VISITANTE

INDIGENOUS TOURISM IN ALDEIA BABAÇU: THE TERENA EXPERIENCE IN THE PANTANAL OF MATO GROSSO DO SUL FROM THE VISITOR'S PERSPECTIVE

Dionatan Miranda da Silva¹
Edvaldo Cesar Moretti²
Denise Silva³

RESUMO: O turismo é um fenômeno social, multifacetado e dinâmico, com vínculos nas dimensões sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais que influenciam e são influenciados pelos visitantes e a comunidade local onde o fenômeno ocorre. Devido aos impactos causados pelo turismo hegemônico (turismo de massa) e devido a procura por novas experiências, o Turismo de Base Comunitária (TBC) tem como perspectiva ser uma alternativa de turismo voltado para a sustentabilidade social. Este tipo de turismo, realizado em comunidades indígenas, constitui fator de empoderamento da comunidade com valorização da cultura e da natureza. O artigo é resultado de pesquisa qualitativa e quantitativa que utilizou de ferramentas como o questionário com os visitantes para compreender a visão da demanda sobre a experiência do Turismo de Base Comunitária da aldeia indígena Terena Babaçu. Essa experiência é inédita e inovadora no estado de Mato Grosso do Sul. Através dos resultados foram criadas nuvens de palavras com o objetivo de representar e compreender o olhar do visitante no processo da experiência. Constatou-se que os visitantes tinham muitas expectativas em conhecer

¹ Universidade Federal da Grande Dourados. Turismólogo, doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia. ORCID: 0000-0002-0728-6609. E-mail: dionatanms@hotmail.com

² Universidade Federal da Grande Dourados. Professor titular. ORCID: 0000-0002-8065-839. E-mail: edvaldomoretti@ufgd.edu.br

³ CEO da BRUACA. Pós-doutorado em Linguística e empreendedora social. ORCID: 0000-0003-4558-7100. E-mail: denisemiranda83@gmail.com



GRUPO DE PESQUISAS
em Lazer, Turismo e Trabalho

GEPLAT

Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP)
v. 14, n. 1 (2025) (ISSN: 2316-1493)
Dossiê Turismo de Base Comunitária
<http://geplat.com/rtep/>



a comunidade indígena, seus usos, costumes e cultura; que a comunidade indígena Terena é considerada pelos visitantes como hospitaleira apesar da sua timidez no contato com o outro (turistas); que os visitantes participaram de troca de conhecimentos. No geral, o turismo na perspectiva comunitária na aldeia Babaçu contribui para a valorização da cultura indígena Terena, gerando recursos econômicos e sendo fator de resistência e empoderamento da comunidade. **Palavras-chave:** Terena; Aldeia Babaçu; Miranda-MS; Pantanal; Turismo de Base Comunitária; Turismo Indígena.

ABSTRACT: Tourism is a social, multifaceted, and dynamic phenomenon, intertwined with social, environmental, political, economic, and cultural dimensions that both influence and are influenced by visitors and the local community where it occurs. Due to the impacts of hegemonic tourism (mass tourism) and the search for new experiences, Community-Based Tourism (CBT) is envisioned as an alternative form of tourism focused on social sustainability. This type of tourism, conducted in Indigenous communities, serves as a means of community empowerment, valuing both culture and nature. This article is based on qualitative and quantitative research using tools such as visitor questionnaires to understand the demand perspective on the Community-Based Tourism experience in the Terena Babaçu Indigenous village. This experience is unprecedented and innovative in the state of Mato Grosso do Sul. Word clouds were created based on the results to represent and understand the visitors' perspectives on their experience. It was observed that visitors had high expectations regarding the Indigenous community, its customs, practices, and culture; the Terena Indigenous community was perceived as hospitable despite some shyness in interactions with outsiders (tourists); and visitors engaged in knowledge exchange. Overall, the community-based tourism experience in the Babaçu village contributes to the appreciation of Terena Indigenous culture, generating economic resources and serving as a factor of community resistance and empowerment. **Keywords:** Terena; Babaçu Village; Miranda-MS; Pantanal; Community-Based Tourism; Indigenous Tourism.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como centralidade a análise do turismo, que é considerado como um fenômeno social, multifacetado e dinâmico, com vínculos nas dimensões sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais que influenciam e são influenciados pelos visitantes e a comunidade local onde ocorre (Lima, Irving & Oliveira, 2022).

O mercado turístico vive uma constante incorporação de lugares e diversa produção de práticas, influenciadas por uma demanda mundial latente por produtos inovadores, que a partir de milhares de empresas familiares, associações, cooperativas e organizações comunitárias contribuem ao enriquecimento da oferta em todos os âmbitos, local, regional, nacional e internacional (Maldonado, 2009).

O turismo dominante no mundo moderno, também chamado de turismo de massa, surge com o advento da Revolução Industrial, e consequentemente do capitalismo no século XIX, ocorrendo uma Revolução Turística (Boyer, 2003), tornando-se hegemônico e se consolidando no século XX, praticado principalmente em sua abordagem liberal da década de 1950 e neoliberal das décadas de 80 e 90 do século XX (Scheyvens, 2007; Dolezal, 2015; Carrelas, 2021).

A partir da década de 1970 tem início forte influência ambientalista no mundo moderno, com a participação crescente do turismo como uma das possibilidades de



produção do chamado mundo da sustentabilidade (Moretti & Oliveira, 2023). A ideia do chamado Desenvolvimento Sustentável é a base para a inserção de práticas ambientalmente sustentáveis no processo de reprodução do capital. Nesse contexto, o uso dos termos “turismo responsável” e/ou “turismo sustentável” é entendido como prática social que se compromete com a autonomia e os direitos das populações locais e tradicionais, preservando assim os valores das localidades a partir das bases da sustentabilidade, o que foi contemplado na Carta do Turismo Sustentável de 95 (Lima et al., 2022).

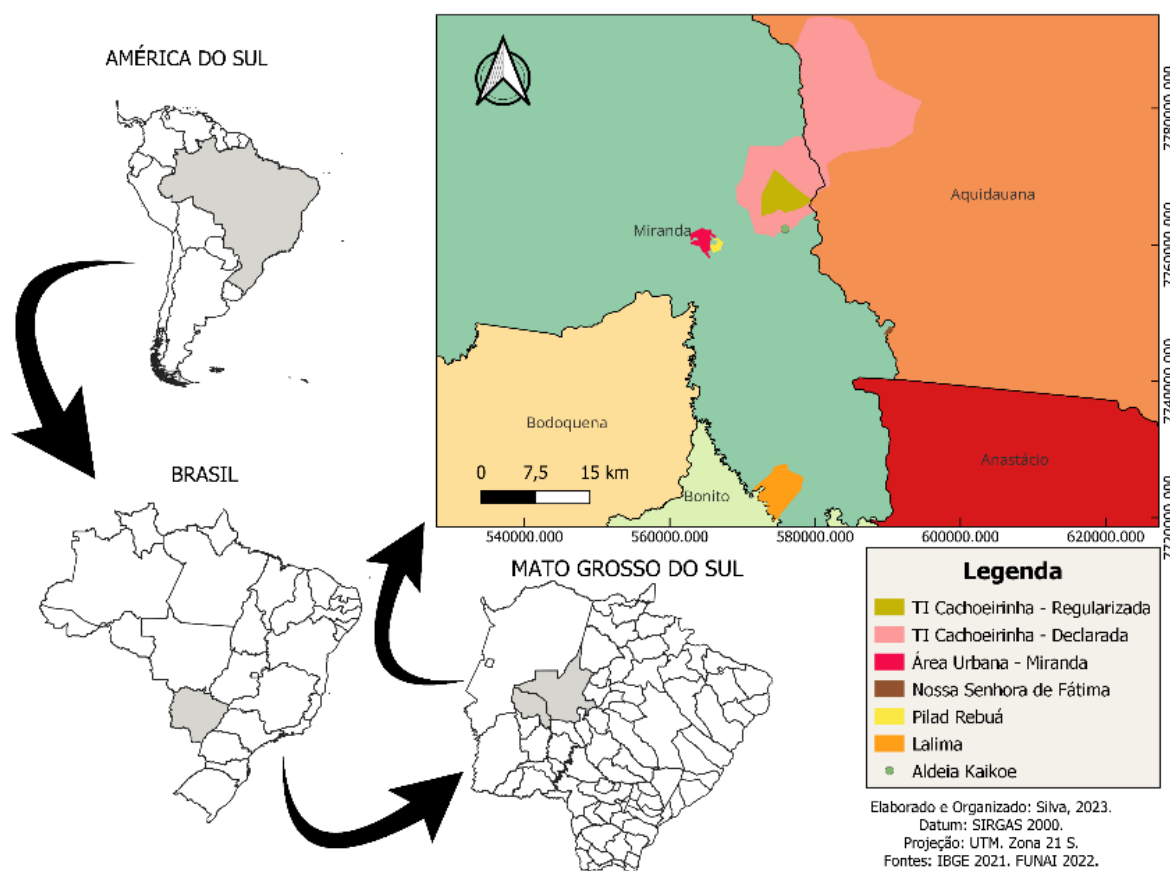
Com a questão social em relevância, emerge na academia o conceito de Turismo Alternativo (TA), que seria uma alternativa ao turismo realizado até então (turismo de massa), e posteriormente chamado de “forma alternativa de turismo” (Smith & Eadigton, 1992; Carrelas, 2021). Este conceito, de turismo alternativo, constitui a origem e as bases do chamado Turismo de Base Comunitária (TBC) (Carrelas, 2021).

Existem iniciativas denominadas como turismo de base comunitária (TBC), turismo comunitário ou turismo rural comunitário (TRC) em várias regiões do mundo, e na América Latina é uma proposta muito relevante e utilizada por povos tradicionais, e surgem como forma de resistência e como alternativa ao modelo convencional, na tentativa de definirem novas possibilidades para o desenvolvimento turístico e tem sido interpretada como uma possibilidade de melhoria de qualidade de vida, principalmente para os grupos sociais que apresentam vulnerabilidade socioambiental como os pescadores artesanais, os agricultores familiares, assentados e comunidades indígenas (Moraes, Irving, Santos, Santos & Pinto, 2017).

Especificamente nesse artigo iremos apresentar o olhar do visitante a partir da experiência de turismo indígena vivenciada na aldeia Babaçu, bem como contextualizar e descrever a atividade turística, que acontece no município de Miranda, que está localizado no estado de Mato Grosso do Sul, pertence à Região Turística do Pantanal de acordo com o Programa de Regionalização do Turismo (2013).

O município possui 25.536 habitantes, dentre estes, 8.866 são indígenas, apresentando a 5ª maior população indígena do Estado, que por sua vez tem a 3ª maior população indígena do Brasil segundo IBGE (2022). Assim, 1/3 da população mirandense é formada por indígenas das etnias Terena e Kinikinau, dividida em 03 Terras Indígenas: Cachoeirinha, Pilad Rebuá e Lalima; uma Reserva Indígena: Nossa Senhora de Fátima e 03 comunidades: Comunidade São Francisco, aldeia Kaikôe e Comunidade Boa Esperança, conforme a figura 1.

Figura 1. Terras Indígenas em Miranda-MS



Fonte: Silva (2023)

A experiência de Turismo de Base Comunitária (TBC) que iremos descrever e analisar neste trabalho é realizada na Aldeia Babaçu, constituída por indígenas Terena, inserida na Terra Indígena Cachoeirinha.

Para alcançarmos o objetivo da pesquisa, realizamos pesquisa bibliográfica em livros e artigos, em meio físico e meio digital, dos conceitos relacionados ao tema, ou seja, Turismo de Base Comunitária (TBC), Turismo Indígena e Hospitalidade.

A metodologia utilizada, é classificada quanto ao seu conteúdo como qualitativa e quantitativa e quanto ao seu objetivo como exploratória (Dencker, 2007). Na pesquisa qualitativa, o elemento-chave é o pesquisador e a fonte de coleta de dados é o ambiente *in loco*, e evidencia-se a interpretação dos significados das informações analisados pelo pesquisador (Dencker, 2007; Gil, 2008). Assim, as respostas foram inseridas em um programa de criação de nuvem de palavras, que mostrava as mais citadas pelos informantes, estes termos foram posteriormente analisados e por fim realizada a elaboração das nuvens.

Os questionários tinham perguntas abertas e fechadas, e foram aplicados aos visitantes que participaram da experiência de Turismo de Base Comunitária realizada no ano 2024 na comunidade indígena da aldeia Babaçu. Essa experiência foi uma parceria da comunidade, com a BRUACA, uma *startup* social que atua com cultura, educação e comunidades indígenas e com o apoio do poder público municipal.



Ao todo foram aplicados 31 questionários, que posteriormente foram analisados e apresentados para a comunidade indígena, como forma de compreender a concatenação da teoria e da prática, ao mesmo passo que pudesse contribuir com a comunidade, a partir do resultado da pesquisa e do *feedback* dos visitantes.

POR QUE TRATAR O TURISMO INDÍGENA COMO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA?

Partindo do princípio de que a Terra Indígena é usufruto da comunidade indígena (Artigo 231 da Constituição Federal de 1988), nesse caso, dos Terena, e que a atividade acontece na mesma, assim já temos a conotação de comunitário, ou seja, o território é da comunidade indígena. A atividade turística é comunitária, no sentido que os próprios indígenas o intitularam assim, corroborado por seus parceiros e apoiadores.

O TBC acontece quando os protagonistas da atividade são os anfitriões, e que, este pode favorecer o sentimento de coletividade, de pertencimento, de fortalecimento dos laços sociais, promovendo a qualidade de vida e sentimento de inclusão social (Irving, 2009).

No TBC existe um respeito às heranças e as tradições locais, servindo assim como condutor de restabelecimento e resgates delas, na qual a centralidade da atividade está no diálogo e interação entre visitantes e visitados, e a partir disso, os anfitriões não são submissos aos turistas, nem utilizados como meros produtos para o mercado turístico (Bartholo, Sansolo & Bursztyn, 2009).

No Brasil, o TBC, geralmente apresenta algumas premissas, tais como: o protagonismo local; a autogestão (participação da comunidade); a geração de benefícios econômicos para as populações locais bem como a democratização destes e das oportunidades (fortalecimento da economia local); a valorização da cultura local e do patrimônio ambiental; o compromisso de proteção da natureza; empoderamento da comunidade; a oportunidade do encontro entre visitantes e visitados; cooperação solidária e o compromisso de melhoria da qualidade de vida e bem-estar das comunidades receptoras (Brasil, 2010; Carrelas, 2021; Lima et al., 2022; Brasil, 2023).

É importante salientar que para a gestão pública, o TBC é visto como um segmento turístico alinhado ao conceito de turismo criativo, que tem como objetivo impulsioná-lo como uma alternativa mais bem vista em comparação ao mercado saturado do turismo de massa (Silva, Leite & Holanda, 2024), e assim tende a receber um apoio maior em relação a outros tipos e segmentos de turismo.

Entendendo a experiência de prática turística na comunidade indígena da aldeia Babaçu como uma atividade realizada de maneira comunitária, acreditamos que o melhor enfoque seria o de Turismo Indígena, pois este tipo de turismo tem as bases similares ao do TBC, porém, é relacionado especificamente aos povos originários.

O turismo indígena não é o turismo dos povos indígenas, mas sim aquele no qual os indígenas estão envolvidos de alguma forma (Butler & Hinch, 2007; Butler, 2021), este tipo de turismo se apresenta de maneira variada (Pereiro, 2012; Butler, 2021; Silvestre & Fontana, 2023), sendo encontrado como turismo étnico, etnoturismo, turismo cultural, etnoecoturismo, ecoturismo indígena, entre outros (Zeppel, 2006; Pereiro, 2013; Corbari, 2015; Silvestre & Fontana, 2023; Da Silva & Moretti, 2023).

Para Margareth Swain (1989, p. 85), a primeira a utilizar o termo turismo indígena (Espeso-Molinero, 2015), este segmento é o "tourism based on the group's land and cultural identity and controlled from within by the group". Ela traz para o contexto



do turismo indígena, a terra indígena e o controle da prática turística pela própria comunidade.

Já para González (2008), é o meio pelo qual as comunidades indígenas compartilham sua cultura, seus usos e costumes, e isso permite que haja uma revalorização e preservação de seus elementos culturais, bem como o reconhecimento da sua identidade na interação com o meio ambiente de maneira sustentável, ao mesmo passo que possibilita o desenvolvimento da comunidade de maneira integral sustentável, responsável e solidária.

Para Butler e Hinch (2007) o conceito de turismo indígena está relacionado com o comprometimento dos povos indígenas, ou as primeiras nações (Butler, 2021) em realizar a atividade e suas práticas, eles concordam com Swain (1989) sobre a questão do controle em que os indígenas devem estar "directly involved either through control" e/ou que "their culture serve as the essence of the attraction" (Hinch & Butler, 2007, p. 5).

Ao utilizar o termo Turismo Indígena, nos remetemos à estes povos originários que tiveram experiências partilhadas de colonização, por muitas vezes retirados à força das suas terras, minando sua base territorial, ocasionando a falta ou o acesso limitado aos recursos naturais, históricos e consequentemente culturais (conhecimentos tradicionais, língua) que podem sustentar os seus meios de subsistência dessas comunidades com atividades econômicas, como o turismo, por exemplo (Furieux & Brown, 2008; Carr, Ruhanen & Whitford, 2016).

Nesse sentido, o conceito de TBC pode estar vinculado a outros povos e etnias, e o conceito de Turismo Indígena, mesmo muito próximo às bases do TBC, tem como efeito diferenciar e demonstrar que a atividade turística com os povos originários tem questões mais específicas e intrínsecas a eles, que viveram e vivem uma constante luta por seus direitos aos territórios ancestrais, e sofreram e sofrem a busca de assimilação e apagamento cultural construído pelas classes dominantes.

A ALDEIA BABAÇU E A PRÁTICA DO TURISMO

A aldeia Babaçu é uma das 6 aldeias que compõem a Terra Indígena Cachoeirinha. A comunidade trabalha com a agricultura familiar, seus produtos são comercializados na cidade de Miranda para a população em geral e com o poder público, sendo vendidos para as escolas. Além disso, alguns moradores trabalham com o extrativismo nas poucas áreas que ainda restam em seu território, bem como no serviço público.

A comunidade tem 738 moradores, com quase 30 Artesãs e artesãos⁴, trabalhando com cerâmica (figura 2) em argila (vermelha, branca e preta), com brincos, colares e outras peças feitas com sementes (figura 3) locais e apresentam uma produção muito forte de cestarias (figura 4) feitas com taboca (*Guadua sp.*) e fibras de taboa (*Typha sp.*), milho e banana.

⁴ Esse número é bastante dinâmico, pois as Artesãs e Artesãos se propõem a fabricar seus produtos a partir de sua visão de mercado, ou seja, quando notam mudanças, como por exemplo o desenvolvimento da atividade turística e o aumento de clientes, voltam a produzir suas peças.

Figura 2. Cerâmica Terena



Fonte: Bruaca (2024)

Figura 3. Colares confeccionados com sementes



Fonte: Bruaca (2024)

Figura 4. Cestarias Terena



Fonte: Miranda da Silva (2024)

Existem registros de visita  o na TI Cachoeirinha antes de meados do século XX, citado pelo antropólogo Oliveira (1976) que em pesquisa com os indígenas Terena na década de 1950, registrou a visita  o de turistas na terra indígena já naquele momento. A visita  o era esporádica, ocorria de acordo com as relações entre o visitante e o visitado, ou em eventos de igrejas e/ou escolares, ou ainda em datas comemorativas

relacionadas aos povos indígenas. Entretanto, a atividade turística de maneira organizada e roteirizada como um produto turístico, só ocorreu muito tempo depois.

Conforme explicitado na metodologia, nesse artigo utilizaremos como ferramenta de análise a experiência realizada no ano 2024 na comunidade indígena da aldeia Babaçu.

O roteiro idealizado pela parceria e realizado pela comunidade seguiu os seguintes passos:

- Saída em frente ao Centro Referencial das Culturas dos Povos Originários ‘Kali Sîni’ – Óvoku Itúkeovohiko Kopénoti Kali Sîni’;
- Durante o percurso é explicado um pouco sobre a etnia e a região;
- No local, as artesãs dispõem seu trabalho em forma de “ilhas” (figura 5);

Figura 5. “Ilha” de venda da Cerâmica



Fonte: Bruaca (2024)

- As comidas típicas, como por exemplo o Hîhi⁵ (figura 6) também podem ser degustados durante a visita;

Figura 6. Hîhi (gastronomia Terena)



Fonte: Miranda da Silva (2024)

- A recepção é feita por uma indígena, depois inicia-se a dança das mulheres a dança “Siputrena” (figura 7);

⁵ O Hîhi é um alimento feito à base de mandioca amarela cozida e amassada enrolada em uma folha de bananeira.

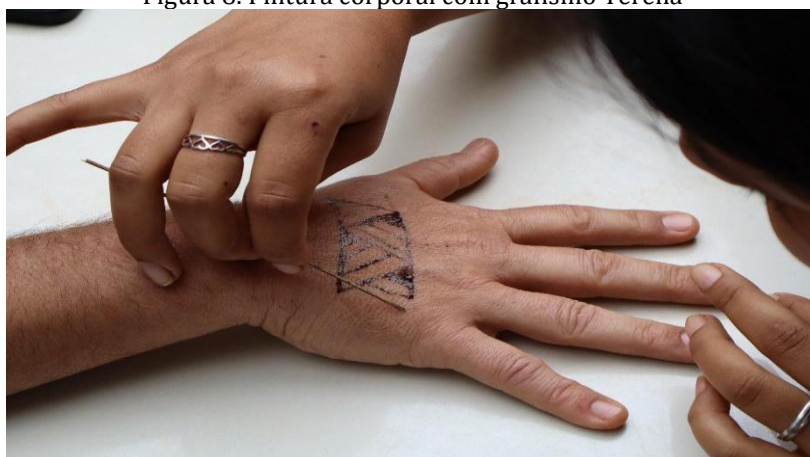
Figura 7. Dança Siputrena



Fonte: Bruaca (2024)

- Depois da apresentação, os visitantes podem comprar, conversar com as artesãs e com as mulheres sobre a dança;
- Podem também fazer a pintura corporal com os grafismos Terena (figura 8);

Figura 8. Pintura corporal com grafismo Terena



Fonte: Bruaca (2024)

- Depois de aproximadamente 2 horas, retornam para a cidade.

Durante este tempo, o visitante pode interagir com as artesãs, com os músicos, e com os demais indígenas que participam da atividade para conhecer um pouco sobre a história e a cultura ancestral desse povo originário.

OLHAR DOS VISITANTES SOBRE O TURISMO NA ALDEIA BABAÇU

Durante a experiência foi realizada a pesquisa junto aos visitantes que contribuíram com as respostas como forma de participarem do processo de análise, proporcionando um “feedback” da proposta, o resultado desse questionário é a base

para as análises aqui apresentadas. Optamos por apresentar os dados em forma de “nuvem de palavras”, dados quantitativos e análises qualitativas das respostas.

A partir dos questionários e da observação participante foi possível obter as informações que contribuem para compreender como se dá a produção do território turístico indígena da aldeia Babaçu e como o visitante compreende o turismo de base comunitária em uma comunidade indígena, com as especificidades que o local apresenta, ou seja, a região pantaneira.

O grupo participante tem um perfil equilibrado, com 16 indivíduos oriundos de grandes centros urbanos, 14 indivíduos da própria região do Pantanal e 1 sem resposta, isto é importante, pois a depender do perfil geográfico do grupo, suas aspirações bem como sua visão de mundo podem alterar o resultado da pesquisa.

Foi perguntado sobre as expectativas dos visitantes, e a partir desta pergunta tem-se a ideia de quando se fala em comunidades indígenas e qual a realidade esperada pela demanda, e com estes dados auxiliar a comunidade sobre o produto turístico que ela oferece, na melhoria das atividades e processos que estão relacionadas às práticas turísticas realizadas. Na figura 9 são destacadas as principais expectativas dos visitantes.

Figura 9. Expectativas dos Visitantes



Fonte: Autoria própria

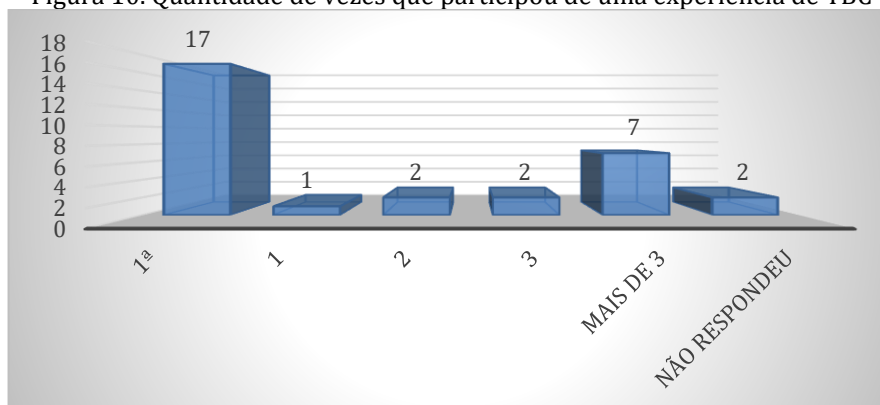
A partir destas palavras, notamos que as maiores expectativas estavam relacionadas com o novo, ou seja, conhecer a comunidade, experienciar a vivência da comunidade indígena Terena, conhecer a cultura, os costumes, ter maior interação e contato com esse povo originário. Isso é corroborado por uma fala das participantes em que ela coloca o seguinte:

Quando recebi o convite para a experiência, imaginei que fosse algo menor, inclusive com menos pessoas, tanto na comunidade quanto em relação aos convidados. Imaginei também, inicialmente, que seria algo mais simples, como uma roda de conversa e observação do local. Fui surpreendida desde a chegada, com a recepção, bem como com a organização em ilhas, sendo as atividades distribuídas para a interação e contemplação. Porém, como não estava preparada, não leve dinheiro suficiente (participante 18).



Alguns participantes afirmaram que não tinham expectativas, por não saber o que iriam conhecer, outros tinham muitas expectativas em conhecer o novo, o que torna interessante, pois a falta ou excesso de expectativa faz parte do processo da prática turística. Essas questões também estão ligadas às experiências que o visitante já teve, o que é corroborado a partir de outra pergunta, que estava relacionada com a vivência do visitante em outras atividades de turismo de base comunitária, se tinham participado ou não, e o resultado pode ser visto na figura 10.

Figura 10. Quantidade de vezes que participou de uma experiência de TBC



Fonte: Autoria própria

Por outro lado, como para a maioria dos participantes (17) foi a primeira vez conhecendo uma atividade de TBC, que por sua vez possui um diferencial ainda mais crucial, ou seja, ser realizado em uma comunidade indígena, as expectativas seriam muito grandes por não conhecer a dinâmica de uma atividade nesses moldes, com preocupação social, organização comunitária e principalmente conhecer uma cultura nova, de um povo ancestral.

A atividade turística proposta pela comunidade foi bem aceita pelos participantes, contudo era uma atividade “piloto”, ou seja, era um teste do produto recém-construído pela comunidade Terena da aldeia Babaçu. O TBC geralmente envolve uma interação com a comunidade receptora, o que enriquece a experiência. Partindo desse pressuposto foi perguntado aos turistas “se eles sentiram que tiveram oportunidades adequadas para interagir com os membros da comunidade”.

A maioria respondeu que sim (25) e os outros (6) responderam que tiveram pouca ou não muitas oportunidades de interação. Uma das participantes colocou seu ponto de vista da pouca interação e disse que

Não muito. Talvez pelo formato vivenciado ter sido mais de solenidade e, portanto, mais apreciativo no momento da dança e da fala dos indígenas. Tive algumas trocas com as artesãs sobre seus produtos e ao final, uma delas nos chamou lá no fundo para mostrar a feitura de uma peça cerâmica, mas tivemos que deixá-la pois o ônibus estava partindo (participante 31).

A participante 21, também relatou da necessidade de mais oportunidades, e disse que “Gostaria de ter tido mais interação, contemplar ou vivenciar o preparo/feitio de um prato ou artesanato”.

Em relação às pessoas que disseram que tiveram oportunidades de interação, uma das participantes teve outra experiência em relação às trocas com os indígenas, e



relata: “Sim, total, apesar da timidez de todos, mas isso é normal, pois eles não estão acostumados com esse tipo de interação. Basta conversar com eles treiná-los e pronto. Tudo ok.” (participante 8).

Outro participante disse que teve “muita oportunidade. A comunidade como um todo esteve a todo tempo interagindo com os visitantes. Explicavam como eram feitas as comidas e pinturas” (participante 23).

Essas diferenças de ponto de vista estão relacionadas ao próprio visitante, pois como era a primeira experiência organizada de visita que a comunidade faz, é natural que haja certa timidez por parte dos indígenas, nesse ínterim, o visitante que tomava a frente para conversar, comprar, perguntar, etc, teria mais oportunidades de contato e interação, visto que o grupo de visitantes era razoavelmente grande com 31 participantes.

Ainda em relação às interações, é importante ressaltar também que uma das participantes fez uma colocação em relação à oportunidade de preparação da comunidade por meio de formação profissional, e disse que “é importante oferecer formações para que a recepção fique cada vez mais fluída e consigam se expressar com propriedade” (participante 27).

Os indígenas Terena são conhecidos por ser uma gente “hospitaleira”, no sentido de não monetizar a presença de visitantes, inclusive em uma das reuniões sobre a organização do TBC na comunidade, um dos líderes indígenas locais disse “como vamos cobrar por uma refeição? Se nós Terena, temos isso como uma prática nossa, de convidar as pessoas. Isso não faz parte de nossa cultura, cobrar por um prato de comida”.

Assim, a pergunta sobre o tema foi: “Como você descreveria a hospitalidade dos moradores da comunidade?”. Conforme a figura 11 podemos concluir, que as respostas foram todas positivas.

Figura 11. Hospitalidade da comunidade



Fonte: Autoria própria



Nota-se que a hospitalidade Terena, assim como afirmado por um de seus líderes foi considerada ponto forte, os participantes se sentiram acolhidos, e a comunidade foi receptiva, gentil, acolhedora, entre outros adjetivos que podem ser vistos na nuvem de palavras advinda das respostas dos participantes deste primeiro evento. O povo Terena tem um histórico e cultura de povo “acolhedor, pacífico e hospitaleiro”, e o turismo como prática social vinculada ao ato de bem acolher e bem receber está intrinsecamente relacionada à hospitalidade dos anfitriões, que é a base para uma boa experiência dos turistas e visitantes.

Mesmo com toda timidez que é um fator que interfere na sensação de hospitalidade, podemos notar que a comunidade conseguiu demonstrar o que os pesquisadores e exploradores demonstraram em suas pesquisas e relatos sobre a hospitalidade deste povo originário. Essa timidez, foi também relatada pelos participantes como veremos abaixo:

“Uma hospitalidade tímida, porém, disposta, sorridente, e aberta a responder e conversar” (participante 7).

“Ainda bem tímidos, mas também é uma característica deles. Muito gentis, respondendo nossas curiosidades” (participante 9).

“Foram bem receptivos, pareciam animados com a ação na comunidade e felizes em expor o seu trabalho. Senti pouca abertura para trocas e conversas, o que talvez seja uma característica deles” (participante 12).

Em função da relevância apontada na pesquisa para o tema hospitalidade, foi necessário refletir sobre as construções do uso do termo. A ideia de hospitalidade é entendida por alguns autores como sendo tão antiga quanto o deslocamento do homem pela Terra (Budell, Severini & Rejowski, 2023), ela está relacionada com a história, a cultura e os grupos sociais de cada lugar (Grinover, 2002), ela é mais do que um fato que se observa, é uma virtude que se espera quando se está de frente com o estranho, com o outro (Camargo, 2015).

Independente do âmbito em que aconteça, se é doméstico, público ou privado, ou se o domínio é particular, social ou comercial etc. (Lashley & Morrison, 2000 apud Santos & Rejowski, 2017), a hospitalidade está relacionada à hospedagem, alimentação, recepção e entretenimento dos turistas/visitante (Camargo, 2003). Contudo, no domínio comercial a reciprocidade do visitante é isenta, devido à troca comercial existente, bem como a satisfação com a hospitalidade nesse domínio é uma percepção apenas do turista (Quadros, 2011).

Camargo (2015) cita Derrida (1997), em que este afirma que todo vínculo social e toda cultura apresenta um princípio de hospitalidade, e complementa que todos povos e culturas guardam leis e princípios de hospitalidade, herdadas e não escritas, que compõem sua forma de se relacionar com os seus e com os outros, com “os de casa” e com “os de fora” (visitantes) (Camargo, 2015), assim como vimos na fala de uma das lideranças supracitada.

A hospitalidade é um processo, um fenômeno que ocorre em determinado tempo e espaço, e no qual há uma busca pelo bem-estar do turista/visitante. Este indivíduo deve ser visto como um elemento individual e complexo, pois serão suas percepções que definirão aquele local ou anfitrião é hospitaleiro ou não (Campos, 2008), assim como pudemos perceber a partir das respostas dos visitantes à Aldeia Babaçu.

Outro fator relevante do TBC, turismo indígena, é a transmissão do conhecimento, da cultura, e dos símbolos e signos que identificam e qualificam a



comunidade receptora, através disso demonstrando sua existência, que no caso dos indígenas, muitas vezes sofrem uma tentativa de apagamento pelas classes dominantes. Com isso, perguntamos aos participantes, o que eles aprenderam a partir da experiência com os Terena da Bapaçu, surgindo as repostas conforme a figura 12.

Figura 12. Conhecimento adquirido a partir da experiência



Fonte: Autoria própria

O que mais aparece é a dança, isso se deve a esta ser uma das atividades propostas na organização do TBC local. Os participantes aprenderam também, sobre a comunidade, pois a partir da visita foi possível entrar em contato com a estrutura social da comunidade, da arquitetura das casas, da paisagem da aldeia, por este motivo a palavra comunidade aparece várias vezes. A palavra cultura aparece também, contudo as outras palavras que aparecem como artesanato, culinária, gastronomia e cerâmica, são materialidades da cultura, ou seja, o aprendizado da cultura Terena, foi valorizado.

Como forma de avaliar a troca do conhecimento aos participantes, foi perguntado também, quão informativas foram as explicações fornecidas durante a experiência. A maioria respondeu que foram muito informativas (18), seguido de que foram razoáveis (8), 3 não responderam e 2 disseram que foram pouco informativas. Veremos a seguir algumas respostas que podem exemplificar estas questões.

“Foi muito bom ter explicações dadas diretamente por eles, tanto sobre os alimentos, artesanatos e atividades coletivas. Tudo bem explicado de forma muito clara” (participante 6).

“Muito relevantes. A explicação sobre o local e a etnia que visitaríamos nos preparou para chegar ao local” (participante 5).

“Acredito que a prática é o melhor caminho. A timidez não ajuda e precisei buscar informações com algumas artesãs. Gostaria de ter entendido mais sobre a dança apresentada. Os significados dela. As explicações sobre os alimentos foram as melhores” (participante 14).

“Foram bem explicativas, acredito que os produtos podem ser melhores anunciados com placas nos locais ou mesmo na fala de abertura à visita” (participante 16).

“As informações iniciais ok, mas depois tive que perguntar muitas coisas. Percebi que visitantes não fizeram isso e se afastaram um pouco” (participante 31).



A partir dessas respostas, podemos aferir que a falta ou o excesso de informações é resultado da interação e desejo dos visitantes, os indígenas estavam dispostos e preparados para a troca de conhecimentos apesar de sua timidez. Por outro lado, assim como informado pelo participante 31, alguns visitantes se afastaram e não buscaram informações com os indígenas. Isso significa que uma das questões, além de preparar a comunidade, é também preparar o turista/visitante para a interação com essa população, que por muito tempo sofreu e ainda sofre preconceito, e sua timidez, por vezes provém destes contatos anteriores com indivíduos não indígenas.

Para compreender a visão da demanda sobre o TBC da Babaçu, foi perguntado se os participantes acreditavam que esta experiência teria um impacto positivo sobre a comunidade. Essa pergunta tem como objetivo compreender se a demanda reflete sobre isso, ou se somente participa da prática turística sem avaliar esse tipo de relação, mesmo que seja um grupo convidado. A maioria (27) respondeu que acredita que tenham impactos positivos sobre a comunidade, e 3 responderam que talvez tenha e 1 pessoa não soube responder.

Algumas respostas chamaram a atenção e trazemos elas na íntegra, como segue abaixo:

“Sim...especialmente acerca do papel e protagonismo feminino na visita/valorização da cultura e a possibilidade de complementação de renda” (participante 15).

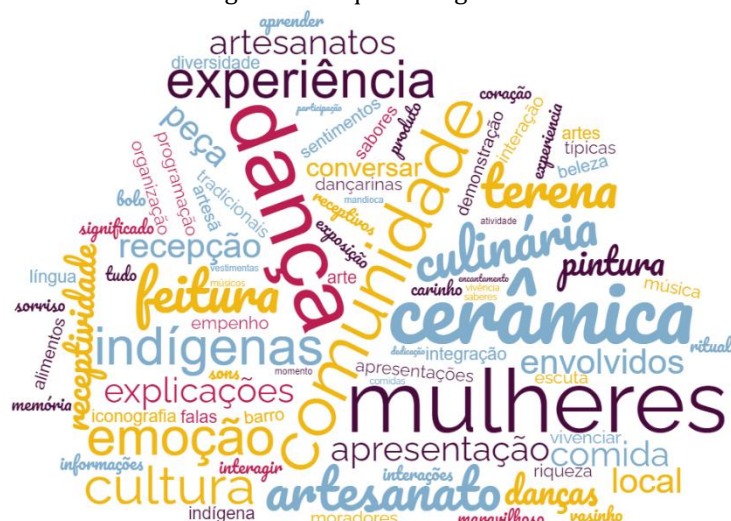
“Sim. Com esta abertura a visitação vai alavancar o escoamento tanto da arte como também pode ser muito positivo para a comercialização de produtos agrícolas produzido pela comunidade” (participante 2).

“Não apenas na comunidade como em todo seu entorno. Observamos outras comunidades se interessando pela atividade o que nos faz entender que a experiência foi exitosa” (participante 28).

Essa resposta da participante 28 traz uma reflexão muito importante, que é a possibilidade de disseminação da experiência para as outras aldeias no município de Miranda e no Mato Grosso do Sul, visto que é a primeira experiência de TBC em área indígena de maneira organizada e roteirizada, sendo um ponto de apoio e exemplo para outras comunidades, principalmente do entorno.

Outra pergunta bastante relevante, é sobre o que o visitante mais gostou de sua experiência na comunidade, resultado apresentado na nuvem de palavras (figura 13). Quanto mais se conhece e se sabe de algo, em tese menos preconceito existe, ou seja, o conhecimento da cultura de outro povo faz com que se quebrem as realidades ou narrativas construídas e que por muito tempo e espaço são divulgadas como verdade absoluta.

Figura 13. O que mais gostou?

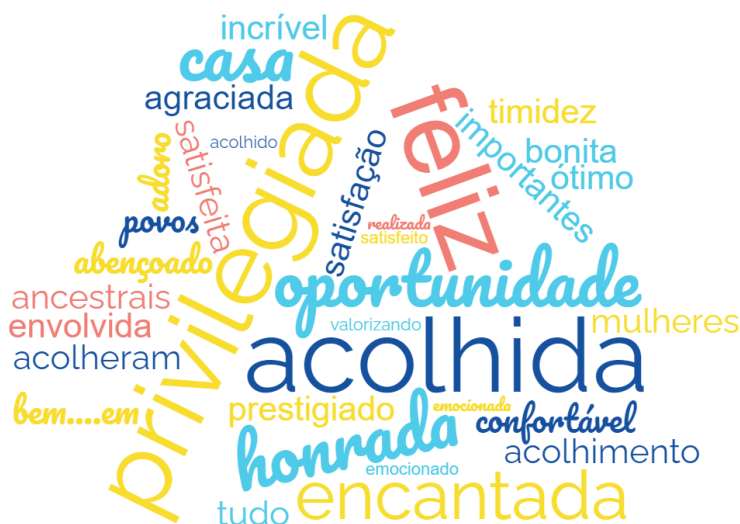


Fonte: Autoria própria

A partir da figura podemos verificar que o que mais chamou a atenção foi a participação das mulheres, que em sua grande maioria são as responsáveis pela organização, e demonstra o empoderamento feminino nas práticas turísticas locais. Depois vemos que algumas expectativas são supridas, como conhecer a comunidade, a cerâmica, a culinária e demais expressões culturais como a dança, que apareceu muitas vezes, bem como conhecer uma comunidade indígena Terena *in loco*.

Aliado ao conhecimento adquirido e a pergunta sobre expectativas e a outra sobre a hospitalidade, temos a próxima, que questiona sobre o sentimento do visitante durante sua experiência, sendo as respostas representadas pela figura 14.

Figura 14. Como se sentiu na experiência?



Fonte: Autoria própria

Como pode ser visto, a hospitalidade Terena também aparece aqui, quando os participantes respondem que se sentiram acolhidos, importantes, privilegiados, felizes com a oportunidade de conhecer os povos ancestrais, e sentiam que estavam ajudando a valorizar a cultura do povo Terena.



Uma das funções da visita foi dar o retorno à comunidade, através do olhar do visitante, e isso foi feito através da pergunta sobre o que deveria melhorar na proposta da experiência de TBC da Babaçu, 2 indivíduos responderam que estava bom, visto que foi o primeiro evento. No entanto, as outras críticas, que tomamos como construtivas, dividimos em 4 grupos: estrutural, horário, apoio do poder público e interação como pode ser visto na tabela 1.

Tabela 1. Olhar do visitante sobre o produto

Grupo	Assunto	Descrição
Estrutural	Internet	Melhorar a estrutura de internet, pois tem apenas um ponto que não supre a quantidade de acessos
	Organização e disposição dos artesanatos	Deixar de maneira mais fluída a disposição dos artesanatos
	Meios de câmbio financeiro	Realizar a troca de dinheiro digital por dinheiro físico no próprio ônibus antes de sair da área urbana
	Confeção de comida e artesanato no local	Criar uma estrutura para que os turistas possam fazer junto com os indígenas
	Iluminação da oca	Muito escura
Horário	Visitação em horário com menos calor	Verificar a possibilidade de troca de horário
Poder público	Transporte	Auxiliar com o transporte até o local
	Estrutura física	Ajudar a melhorar a infraestrutura local
	Água para os visitantes	Proporcionar
	Apoio na realização de cada experiência de TBC	Proporcionar esse auxílio
Interação	Maior participação dos indígenas	Devido a timidez, muitas indígenas aguardavam as pessoas irem falar com elas
	Dança	Alguns visitantes queriam interagir dançando
	Comidas típicas	Visitantes queriam confeccionar junto com as indígenas
	Artesanato	
Informacional	Artesanato	Os visitantes queriam mais informações sobre estes temas, e que fossem repassadas pelo cacique e/ou por outro indígena.
	Dança	
	Instrumentos musicais	
	Comidas típicas	
	Lendas, cultura e história do povo Terena	

Fonte: Autoria própria

Para qualificar o dado coletado apresentamos algumas das respostas de maneira mais completa com o objetivo de aprofundar os dados apresentados na tabela.

Senti falta do cacique ou alguma indígena oportunizar uma roda de conversa para contar um pouco sobre o histórico de lutas (conquistas/demarcação das terras), como se dá a conexão com o território/corpo, o modo e produção de vida cotidiano e comunitário, relação e manejo com o meio ambiente, os desafios enfrentados por essa comunidade e as características da etnia terena no contexto de MS. Além disso, senti a necessidade de uma fala explicando a manifestação artística cultural em cada estação visitada (de artesanato, degustação do hîhi, grafismo, cestaria, dança). Uma outra sugestão é que condução de recepção no ônibus e na chegada também possa ser feita com uma indígena, intercalando o diálogo em português e terena das informações compartilhadas (participante 15).



Existisse um câmbio de dinheiro digital por notas de dinheiro físico no ônibus a caminho da comunidade, para que os visitantes pudessem comprar diretamente com dinheiro trocado, o fato de muitas não terem acesso a pix e também da internet no local não ser tão instável acaba dificultando um pouco as vendas (participante 17).

Houvesse um calendário de feiras já inserido no calendário anual cultural da cidade. Ainda melhor se houvesse incentivo financeiro para melhorias na estrutura. Políticas públicas de incentivo à programas que fomentem a valorização cultural dos povos originários da região (participante 24).

Como foi a primeira vez, acredito que tenha sido o melhor que a comunidade poderia oferecer no momento (participante 27).

Se fosse mais imersiva na cultura, como por exemplo dançar a dança com elas (não sei se isso é possível ou permitido dentro da cultura). Se houvessem “feituas” ao vivo dos artesanatos como cerâmicas e cestarias. Penso que poderia também haver uma explicação sobre os instrumentos e suas feituas, sobre a música, sobre a dança e seu significado. Uma roda de conversa com os indígenas, uma contação de histórias/contos indígenas e outras curiosidades acerca de suas tradições (participante 30).

Os pontos citados podem auxiliar a comunidade e parceiros a melhor estruturar a atividade de TBC da Babaçu, bem como reflete um ponto importante, o de que os visitantes estavam atentos a toda a experiência oferecida, bem como estavam dispostos a ajudar a comunidade a desenvolver e melhorar a prática turística local.

Todos os visitantes responderam que indicariam a experiência para outras pessoas, e demonstraram que apesar de todas as melhorias a serem realizadas, sua satisfação ficou entre muito boa (10 participantes) e excelente (21 participantes), isso demonstra também que entenderam que por se tratar de um projeto piloto e primeiro evento, a participação deles foi de grande relevância para o treinamento da comunidade no fomento da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da questão econômica da atividade turística, esse tipo de turismo em que a comunidade se organiza e faz sua gestão é importante também para que os não indígenas aprendam mais sobre os povos originários, seus usos, costumes e sua rica cultura. Essa prática também pode ser um fator de empoderamento dos indígenas, principalmente da mulher indígena que em sua maioria são as mais envolvidas na organização da prática turística, bem como um fator de resistência cultural e político.

O empoderamento feminino indígena é fator de multiplicação de ganhos das famílias e da comunidade onde a prática turística acontece, a maior parte do dinheiro ganho pela mulher retorna para sua família, principalmente para educação e saúde.

Outro fator relevante é que a atividade turística praticada nesses moldes está alinhada à Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que é um plano de ação global desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU), e que busca através deste, discutir ações e promover o debate sobre os desafios que a sociedade global sofre, como a desigualdade, pobreza, saúde, educação, mudanças climáticas etc.



O turismo está diretamente envolvido com as ODS 08 (Trabalho decente e crescimento econômico); 12 (Consumo e produção responsáveis) e 14 (Vida na água) e indiretamente com todos os outros. No caso do turismo realizado na aldeia Babaçu, podemos citar outros ODS, como o 01 (Erradicação da pobreza), a partir da geração de emprego e renda; o 03 (Saúde e bem-estar) e o 04 (Educação de qualidade), pois os recursos financeiros gerados pelas mulheres são geralmente revertidos em educação e saúde para a família, este que está alinhado com o ODS 05 (Igualdade de gênero), porque as mulheres são as mais envolvidas na atividade, e por fim no ODS 10 (Redução da desigualdade), que é muito relacionado aos citados anteriormente (01; 05; 03 e 04).

Portanto, a comunidade indígena da aldeia Babaçu através de seu território turístico aliado às suas práticas está promovendo ações que estão alinhadas com a preocupação global com a sustentabilidade socioambiental.

A hospitalidade assim como a hospedagem e alimentação através do turismo, pode não representar um produto em si para muitos povos indígenas, assim como para os Terena, pois é algo que faz parte da cultura desse povo. No entanto, a partir da construção de um produto turístico, isso se torna algo imprescindível e importante para a experiência dos turistas e visitantes, pois em seu domínio/relação comercial/mercantil é o fator que pode ser diferencial para a experiência dos visitantes, bem como uma das condições de estabilidade e permanência da atividade.

Assim, se faz necessário, dentre outros fatores, compreender a visão dos turistas/visitantes sobre a experiência vivenciada na Aldeia Babaçu, e ter respostas que permitam melhorar o produto que está sendo promovido pela comunidade local.

Ressaltamos que esta experiência de TBC indígena organizada é a primeira do estado de Mato Grosso do Sul, e reflete também na diversificação da oferta turística estadual, o que enriquece ainda mais o turismo e a economia regional.

A pesquisa reforça que a comunidade indígena Terena da aldeia Babaçu está buscando formas de geração de renda e procura incorporar às reflexões feitas a partir do olhar dos visitantes. O território turístico indígena Terena é principalmente uma oportunidade de desenvolvimento social e econômico para os indígenas e para a região, mas que aspectos como a monetarização das relações de troca, inclusive imateriais, devem ser pensadas a partir dos interesses dos indígenas e de sua cultura. Do contrário pode ocorrer da atividade ser prejudicial a longo prazo, com a produção da competitividade interna na aldeia.

A atividade turística possui forte relação com a preocupação com o ambiente natural, considerando que a comunidade necessita de uma área conservada, pois o artesanato é confeccionado com matéria-prima natural, portanto, promove a valorização da ideia de conservação dos ambientes naturais onde são encontradas as sementes, as fibras e o barro (ambiente aquático/húmido). Em alguns casos, quando as áreas florestadas já foram dizimadas, será necessário projetos de reflorestamento com vegetação nativa, visto que o cacique já vislumbra e busca apoio para projetos de recuperação de áreas degradadas.

A prática do turismo na aldeia Babaçu tem como perspectiva a valorização da cultura do povo Terena, com a geração de um olhar positivo sobre o ambiente natural local e conseqüentemente sua conservação no sentido de proporcionar a permanência na terra com possibilidade de vivências de acordo com os interesses e desejos da comunidade, o que corrobora com o que é visto na teoria sobre os conceitos de TBC e Turismo Indígena.



REFERÊNCIAS

Bartholo R., Sansolo D. G., & Bursztyn, I. (Eds.) (2009). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Letra e imagem.

Boyer, M. (2003). *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc.

Budel, L., Severini, V. F., & Rejowski, M. (2023). Dimensões da Hospitalidade no Turismo de Base Comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 17, e-2497. 1-17. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/9VXN6wDfL9Lg9q5gxBH5vYQ/>

Brasil. (2010). *Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília: Ministério do Turismo.

Brasil. (2023). *Turismo Responsável no Brasil: tendências, estratégias e fomento em Sustentabilidade, Turismo de Base Comunitária e Segurança Turística*. 1. ed. Natal: SEDIS-UFRN; Brasília: Ministério do Turismo.

Butler, R. (2021). Research on tourism, indigenous peoples and economic development: a missing component. *Land*, 10(12), 1329. 1-14. Recuperado de <https://www.mdpi.com/2073-445X/10/12/1329>

Butler, R., & Hinch, T. (Eds.). (2007). *Tourism and indigenous peoples: Issues and implications*. Routledge.

Camargo, L. O. L. (2003). Os domínios da Hospitalidade. In Dencker, A. F. M. & Bueno, M. S. (Org.), *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. (pp. 7-28). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Camargo, L. O. L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista hospitalidade*, 12, 42-69. Recuperado de <https://revhosp.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/574>

Campos, S. R. (2008). Os cinco sentidos da hospitalidade. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 3(1), 1-17. Recuperado de <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/raoit/article/view/3565>

Carr, A. Ruhanen, L., & Whitford, M. (2016). Indigenous peoples and tourism: the challenges and opportunities for sustainable tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 24(8-9), 1067-1079. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/09669582.2016.1206112>

Carrelas, D. de C. (2021). *Atrativos turísticos e turismo de base comunitária a partir do lugar: estudo de caso de Florianópolis (Brasil)* (Tese de Doutorado). Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Corbari, S. D. (2015). *O Turismo Envolvendo Comunidades Indígenas Em Teses e Dissertações: Retrato das Relações e dos Impactos Socioculturais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.



Da Silva, D. M., & Moretti, E. C. (2023). Turismo Indígena de Fronteira–Um Olhar Sobre O Chaco Paraguaio. *Revista GeoPantanal*. 18(35). 45-56. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/19931>

Dencker, A. F. M. (2007). *Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas*. São Paulo, SP: Futura.

Dolezal, C. (2015). *Questioning empowerment in community-based tourism in rural Bali* (Tese de Doutorado). University of Brighton, Brighton, Reino Unido.

Espeso-Molinero, M. P. (2015). *“Quiero ver un lacandón con arco”. Diálogo de saberes en el turismo indígena lacandón* (Tese de Doutorado). Universidade de Alicante, Alicante, Espanha.

Furneaux, C., & K. Brown. 2008. Australian Indigenous Entrepreneurship: A Capital-based view. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*. 9(2), 133–144. Recuperado de <https://doi.org/10.5367/000000008784489426>

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

González, M. M. (2008). ¿Etnoturismo o turismo indígena? *Teoría y praxis*, 5, 123-136. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2929496>

Grinover, L. (2002). Hospitalidade. Um tema a ser reestudado e pesquisado. In Dias, C. M. de M. (Ed.), *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 25-38). Barueri, SP: Manole.

IBGE. (2022). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2022*. Recuperado de <https://censo2022.ibge.gov.br/>

Irving, M. D. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. In Bartholo R., Sansolo D. G. & Bursztyn, I. (Orgs), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (pp. 108-121). Rio de Janeiro, RJ: Letra e imagem.

Lima, M. A. G., Irving, M. A., & Oliveira, E. (2022). Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, e-2094. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v16.2094>

Maldonado, C. (2009). O turismo rural comunitário na américa latina gênese, características e políticas. In Bartholo R., Sansolo D. G. & Bursztyn, I. (Orgs), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (pp. 25-44). Rio de Janeiro, RJ: Letra e imagem.

Moraes, E. A., de Azevedo Irving, M., Santos, J. D. S. C., Santos, H. Q. S., & Pinto, M. C. (2016). Redes de turismo de base comunitária: reflexões no contexto latino-americano. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 9(6), 612-624. Recuperado de <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6569>



Moretti, E. C. & Oliveira, J. A. de. (2023). A visitação turística no Parque Nacional da Serra da Bodoquena em tempos de pandemia da COVID-19. In: Cruz, R. de C. A. et al. (Orgs), *Turismo em tempos de pandemia: (des)continuidades e conjecturas* (pp. 149-155). São Paulo: FFLCH/USP. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/9788575064665>

Oliveira, R. C. D. (1976). *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora S. A.

Pereiro, X. (2012). Understanding Indigenous Tourism. In M. Smith & G. Richards (Eds.). *The Routledge Handbook of Cultural Tourism* (pp. 214-217). Routledge Handbooks Online. Recuperado de <https://doi.org/10.4324/9780203120958.ch27>

Pereiro, X. (2013). Los efectos del turismo en las culturas indígenas de América Latina. *Revista Española de Antropología Americana*, 43(1), 155-174. Recuperado de https://doi.org/10.5209/rev_REAA.2013.v43.n1.42308

Quadros, A. H. de (2011). A hospitalidade e o diferencial competitivo das empresas prestadoras de serviço. *Revista Hospitalidade*, 8(1), 43-57. Recuperado de <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/346>

Santos, D., & Rejowski, M. (2017). Hospitalidade na produção científica sobre turismo voluntário. *Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)*, (27-28), 171-181. Recuperado de <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/issue/view/408/showToc>

Scheyvens, R. (2007). Exploring the Tourism-Poverty Nexus. *Current Issues in Tourism*, 10(2-3), 231-254. Recuperado de <https://doi.org/10.2167/cit318.0>

Silva, T. P. G., Leite, N. K., & de Holanda, L. A. (2024). O turismo de base comunitária (TBC) na capital da criatividade (Recife-PE): análise da construção do discurso de cidade criativa pela gestão pública de 2012 a 2022. *Revista Turismo Estudos e Práticas- RTEP/UERN*, 13(1), 1-20.

Silvestre, R. P., & Fontana, R. F. (2023). Turismo indígena no Brasil: uma revisão bibliográfica de pesquisas publicadas no período de 1999-2021. *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 21(3), 487-501. Recuperado de <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.033>

Smith, V. L., & Eadington, W. R. (1992). *Tourism alternatives: potentials and problems in the development of tourism*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

Swain, M. B. (1989). Gender roles in indigenous tourism: Kuna mola, Kuna yola, and cultural survival. In V. L. Smith (Ed.), *Host and guest: The anthropology of tourism* (pp. 83-104). Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

Zeppel, H. (2006). *Indigenous ecotourism: Sustainable development and management*. Wallingford: CABI.



Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 07/04/2025

Received in: February 24, 2025

Approved in: April 07, 2025

